Manifesto do Partido Comunista

por Karl Marx e Friedrich Engels



Conteúdo exportado da Wikisource a 6 de novembro de 2026

Manifesto do Partido Comunista

Karl Marx e

Friedrich Engels

Trabalhadores de todos os países, uni-vos!

Vocês não tem nada a perder, a não ser as suas correntes.

Vocês tem um mundo a ganhar.

Prefácios às Diversas Edições

Introdução

- **Capítulo I: Burgueses e Proletários**
- **Capítulo II: Proletários e Comunistas**
- **Capítulo III: Literatura Socialista e Comunista**

- **Capítulo IV: Posição dos Comunistas em Relação aos Diversos Partidos de Oposição**

Prefácios às várias edições

Edição alemã de 1872

A Liga Comunista, uma associação internacional de trabalhadores, que obviamente não poderia deixar de ser secreta sob as circunstâncias da época, encarregou-nos, abaixo-assinados, no Congresso que tomou lugar em Londres, a Novembro de 1847, de escrever um detalhado programa prático e teórico do Partido para publicação. Tal foi a origem do presente Manifesto, o manuscrito do qual viajou a Londres para ser impresso poucas semanas antes da Revolução de Fevereiro. Primeiramente publicado na Alemanha, foi republicado em tal idioma em pelo menos doze diferentes edições na Alemanha, Inglaterra e América. Na Inglaterra foi publicado pela primeira vez em 1850 no *Red Republican*, Londres, traduzido pela senhorita Helen Macfarlane, e em 1871 em no mínimo três diferentes traduções na América. A versão francesa apareceu pela primeira vez em Paris pouco antes da insurreição de Junho de 1848, e recentemente no *Le Socialiste*, de Nova Iorque. Uma nova tradução está atualmente em curso. Uma versão polonesa apareceu em Londres pouco depois que foi publicado pela primeira vez na Alemanha. Uma tradução russa foi publicada em Genebra nos anos sessenta. Em dinamarquês, também, foi traduzido pouco a primeira publicação.

Apesar das circunstâncias terem-se alterado durante os últimos vinte e cinco anos, os princípios gerais propostos no Manifesto são, em um todo, tão válidos hoje como sempre. Aqui e ali, algum detalhe talvez seja corrigido. A aplicação prática dos princípios dependerá, como o próprio Manifesto afirma, em todo lugar e em todos os tempos, das condições históricas de dado tempo, e, por tal razão, nenhuma ênfase é dada às medidas revolucionárias propostas ao final da Seção II. Tal passagem seria, em muitos aspectos, muito diferente se escrita hoje. Tendo em vista os largos passos da Moderna Indústria desde 1848, e acompanhada do progresso da organização da classe operária, em vista a experiência prática ganhada, primeiro na Revolução de Fevereiro, e então, ainda mais, na Comuna de Paris, quando o proletariado pela primeira vez foi detentor do poder político por dois meses inteiros, este programa se tornou, em alguns detalhes, antiquado. Algo ficou especialmente provado pela Comuna, que "o proletariado não pode se limitar a somente a se apoderar da maquinaria estatal, e fazê-la servir aos seus próprios fins." (Veja A Guerra Civil na França: Mensagem do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, 1871, em que este argumento é melhor trabalhado.) Além do mais é evidente por si próprio que a crítica à literatura socialista (Seção III) é deficiente em relação ao tempo presente, porque só se estende até 1847; As mesmas ressalvas valem para as relações dos Comunistas para com os vários partidos de oposição (Seção IV), embora, em princípio esteja ainda correto, estão antiquados na prática, pois a

situação política mudou completamente, e o progresso da história varreu do planeta grande porção dos partidos políticos que eram ali enumerados.

Todavia, o Manifesto se tornou um documento histórico, o qual nós não temos nenhum direito de alterar. Uma edição subsequente pode aparecer com uma introdução cobrindo o vão entre 1847 e o dia presente; mas esta edição foi inesperada, nos deixando sem tempo para tal.

Karl Marx & Friedrich Engels
Londres, 24 de Junho de 1872

Um espectro ronda a Europa — o espectro do comunismo. Todas as potências da antiga Europa unem-se numa Aliança Sagrada para exorcizar este espectro: o papa e o Tzar, Metternich e Guizot, os radicais franceses e os policiais da Alemanha.

Que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição não lançou a pecha infamante de comunista contra seus adversários de direita, b assim como contra seus adversários reacionário?

Duas conclusões decorrem desses fatos:

- O comunismo já é reconhecido como força por todas as potências da Europa;
- É tempo de os comunistas deviam abertamente, perante o mundo inteiro, publicar seu modo de ver, seus fins, suas tendências, opondo a lenda do espectro do comunismo com um manifesto do próprio partido.

Com este fim, comunistas de várias nacionalidades reuniram-se em Londres e redigiram o manifesto seguinte, que será publicado em inglês, francês, alemão, italiano, flamengo e dinamarquês.

Burgueses e Proletários[1]

A história de todas as sociedades que existiram até os nossos dias[2] tem sido a história das lutas de classes.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação[3] e oficial, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das suas classes em luta.

Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda a parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores feudais, vassalos, mestres, oficiais e servos; e, em cada uma destas classes, gradações especiais.

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Não fez senão substituir velhas classes, velhas condições de opressão, velhas formas de luta por outras novas.

Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classes. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.

Dos servos da Idade Média nasceram os plebeus livres das primeiras cidades; desta população municipal, saíram os primeiros elementos da burguesia.

A descoberta da América, a circunavegação de África ofereceram à burguesia ascendente um novo campo de acção. Os mercados da Índia e da China, a colonização da América, o comércio colonial, o incremento dos meios de troca e, em geral, das mercadorias imprimiram um impulso, desconhecido até então, ao comércio, à indústria, à navegação e, por conseguinte, desenvolveram rapidamente o elemento revolucionário da sociedade feudal em decomposição.

A antiga organização feudal da indústria, em que esta era circunscrita a corporações fechadas, já não podia satisfazer as necessidades que cresciam com a abertura de novos mercados. A manufactura substituiu-na. A pequena burguesia industrial suplantou os mestres das corporações; a divisão do trabalho entre as diferentes corporações desapareceu diante da divisão do trabalho dentro da própria oficina.

Todavia os mercados ampliavam-se cada vez mais: a procura de mercadorias aumentava sempre. A própria manufactura tornou-se insuficiente; então, o vapor e a maquinaria revolucionaram a produção industrial. A grande indústria moderna suplantou a manufactura; a média burguesia industrial cedeu lugar aos milionários da indústria – chefes de verdadeiros exércitos industriais - aos burgueses modernos.

A grande indústria criou o mercado mundial preparado pela descoberta da América. O mercado mundial acelerou prodigiosamente o desenvolvimento do comércio, da navegação, dos meios de comunicação. Esse desenvolvimento reagiu por sua vez sobre a extensão da indústria; e à medida que a indústria, o comércio, a navegação, as vias férreas se desenvolviam, crescia a burguesia, multiplicando os seus capitais e relegando a segundo plano as classes legadas pela Idade Média.

Vemos pois, que a própria burguesia moderna é o produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de revoluções no modo de produção e de troca.

Cada etapa da evolução percorrida pela burguesia era acompanhada de um progresso político correspondente. Classe oprimida pelo despotismo feudal, associação armada administrando-se a si própria na comuna[4]; aqui, República urbana independente, ali, terceiro estado, tributário da monarquia; depois, durante o período manufactureiro,

contrapeso da nobreza na monarquia feudal ou absoluta, pedra angular das grandes monarquias, a burguesia, desde o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou, finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. O governo do estado moderno não é senão um comité para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa.

A burguesia desempenhou na história um papel eminentemente revolucionário.

Onde quer que tenha conquistado o Poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Ela despedaçou sem piedade todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal aos seus "superiores naturais", para só deixar subsistir, entre os homens, o laço do frio interesse, as cruéis exigências do "pagamento à vista". Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio. Numa palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, directa e brutal.

A burguesia despojou de sua auréola todas as actividades até então reputadas veneráveis e encaradas com piedoso

respeito. Do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio fez os seus servidores assalariados.

A burguesia rasgou o véu de sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias.

A burguesia revelou como a brutal manifestação de força na Idade Média, tão admirada pela reacção, encontra o seu complemento natural na ociosidade mais completa. Foi a primeira a provar o que pode realizar a actividade humana: criou maravilhas maiores que as pirâmides do Egipto, os aquedutos romanos, as catedrais góticas: conduziu expedições que empanárom(*) mesmo as antigas invasões e as cruzadas.

A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção constituía, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com o seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes mesmo de se ossificarem. Tudo

o que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas.

Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda a parte, explorar em toda a parte, tecer vínculos em toda a parte.

Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um carácter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reaccionários, ela retirou à indústria a sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, indústrias que não empregam mais matérias-primas nacionais, mas sim matérias-primas vindas das regiões mais distantes, cujos produtos se consomem não somente no próprio país mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades que reclamam para a sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolvem-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto refere-se tanto à produção material como à produção intelectual. As criações

intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal.

Devido ao rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e ao constante progresso dos meios de comunicação, a burguesia arrasta para a torrente de civilização mesmo as nações mais bárbaras. Os baixos preços dos seus produtos são a artilharia pesada que destrói todas as muralhas da China e obriga a capitularem os bárbaros mais tenazmente hostis aos estrangeiros. Sob pena de morte, ela obriga todas as nações a adoptarem o modo burguês de produção, constrange-as a abraçar o que ela chama civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Numa palavra, cria um mundo à sua imagem e semelhança.

A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida rural. Do mesmo modo que subordinou o campo à cidade, os países bárbaros ou semibárbaros aos países civilizados, subordinou os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente.

A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou

a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária dessas transformações foi a centralização política. Províncias independentes, apenas ligadas por débeis laços federativos, possuindo interesses, leis, governos e tarifas alfandegárias diferentes, foram reunidas numa só nação, com um só governo, uma só lei, um só interesse nacional de classe, uma só barreira alfandegária.

A burguesia, durante o seu domínio de classe, apenas secular, criou forças produtivas mais numerosas e mais colossais do que todas as gerações passadas em conjunto. A subjugação das forças da natureza, as máquinas, a aplicação da química à indústria e à agricultura, a navegação a vapor, os caminhos de ferro, o telégrafo eléctrico, a exploração de continentes inteiros, a canalização dos rios, populações inteiras brotando na terra como por encanto – que século anterior teria suspeitado que semelhantes forças produtivas estivessem adormecidas no seio do trabalho social?

Vemos pois: os meios de produção e de troca, sobre cuja base se ergue a burguesia, foram gerados no seio da sociedade feudal. Esses meios de produção e de troca, as condições em que a sociedade feudal produzia e trocava, a organização feudal da agricultura e da manufactura, em suma, o regime feudal

de propriedade, deixaram de corresponder às forças produtivas já desenvolvidas, ao alcançarem estas um certo grau de desenvolvimento. Entravavam a produção em lugar

de impulsioná-la. Transformaram-se em outras tantas cadeias que era preciso despedaçar e foram despedaçadas.

Em seu lugar, estabeleceu-se a livre concorrência, com uma organização social e política correspondente, com a supremacia económica e política da classe burguesa.

Assistimos hoje a um processo semelhante. As relações burguesas de produção e de troca, o regime burguês de propriedade, a sociedade burguesa moderna, que fez surgir gigantescos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar as forças infernais que pôs em movimento com as suas palavras mágicas. Há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é senão a história da revolta das forças produtivas modernas contra as actuais relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesia e o seu domínio. Basta mencionar as crises comerciais que, repetindo-se periodicamente, ameaçam cada vez mais a existência da sociedade burguesa. Cada crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos já fabricados, mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já desenvolvidas. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desaba sobre a sociedade - a epidemia da superprodução. Subitamente, a sociedade vê-se reconduzida a um estado de barbaria momentânea; diria-se que a fome ou uma guerra de extermínio lhe cortarão todos os meios de subsistência; a indústria e o comércio parecem aniquilados. E por quê? Porque a sociedade possui

demasiada civilização, demasiados meios de subsistência, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas de que dispõe já não favorecem o desenvolvimento das relações de propriedade burguesa; pelo contrário, tornaram-se por demais poderosas para essas condições, que passam a entravá-las; e todas as vezes que as forças produtivas sociais se libertam desses entraves, precipitam na desordem a sociedade inteira e ameaçam a existência da propriedade burguesa. O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas no seu seio. De quê maneira consegue a burguesia vencer essas crises? Por um lado, pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas; por outro lado, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A quê leva isso? Ao preparo de crises mais extensas e mais destruidoras e à diminuição dos meios de evitá-las.

As armas que a burguesia utilizou para abater o feudalismo voltam-se hoje contra a própria burguesia.

A burguesia, porém, não forjou somente as armas que lhe darão a morte; produziu também os homens que manejarão essas armas - os operários modernos, os proletários.

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho e que só o encontram na medida em que este

aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se diariamente, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência e a todas as flutuações do mercado.

O crescente emprego de máquinas e a divisão do trabalho, despojando o trabalho do operário de seu carácter autónomo, tiraram-lhe todo o atractivo. O produtor passa a um simples apêndice da máquina e só se requer dele a operação mais simples, mais monótona, mais fácil de aprender. Desse modo, o custo do operário reduz-se, quase exclusivamente, aos meios de manutenção que lhe são necessários para viver e procriar. Ora, o preço do trabalho, como de toda mercadoria, é igual ao custo de sua produção. Portanto, à medida que aumenta o carácter enfadonho do trabalho, decrescem os salários. Quanto mais se desenvolvem as maquinas e a divisão do trabalho, mais aumenta a quantidade de trabalho, quer pelo prolongamento das horas, quer pelo aumento do trabalho exigido num tempo determinado, pela aceleração do movimento das máquinas etc.

A indústria moderna transformou a pequena oficina do antigo mestre da corporação patriarcal na grande fábrica do industrial capitalista. Massas de operários, amontoadas na fábrica, são organizadas militarmente. Como soldados da indústria, estão sob a vigilância de uma hierarquia completa de oficiais e suboficiais. Não são somente escravos da

classe burguesa, do Estado burguês, mas também diariamente, a cada hora, escravos da máquina, do contra mestre e, sobretudo, do dono da fábrica. E esse despotismo é tanto mais mesquinho, odioso e exasperador quanto maior é a franqueza com que proclama ter no lucro o seu objectivo exclusivo.

Quanto menos habilidade e força o trabalho exige, isto é, quanto mais a indústria moderna progride, tanto mais o trabalho dos homens é suplantado pelo das mulheres e crianças. As diferenças de idade e de sexo deixam de ter importância social para a classe operária. Não há senão instrumentos de trabalho, cujo preço varia segundo a idade e o sexo.

Depois de sofrer a exploração do fabricante e de receber o seu salário em dinheiro, o operário torna-se presa de outros membros da burguesia, do proprietário, do varejista, do usurário etc.

As camadas inferiores da classe média de outrora, os pequenos industriais, pequenos comerciantes e pessoas que possuem rendas, artesãos e camponeses, caem nas fileiras do proletariado: uns porque os seus pequenos capitais, não lhes permitem empregar os processos da grande indústria, sucumbem na concorrência com os grandes capitalistas; outros porque a sua habilidade profissional é depreciada pelos novos métodos de produção. Assim, o proletariado é recrutado em todas as classes da população.

O proletariado passa por diferentes fases de desenvolvimento. Logo que nasce começa a sua luta contra a burguesia.

A princípio, empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente operários do mesmo ramo de indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que os explora directamente. Não se limitam a atacar as relações burguesas de produção, atacam os instrumentos de produção: destroem as mercadorias estrangeiras que lhes fazem concorrência, quebram as máquinas, queimam as fábricas e esforçam-se para reconquistar a posição perdida do artesão da Idade Média.

Nesta fase, constitui o proletariado massa disseminada por todo o país e dispersa pela concorrência. Se, por vezes, os operários se unem para agir em massa compacta, isto não é ainda o resultado de sua própria união, mas da união da burguesia que, para atingir os seus próprios fins políticos, é levada a pôr em movimento todo o proletariado, o que ainda pode fazer provisoriamente. Durante essa fase, os proletários não combatem ainda seus próprios inimigos, mas os inimigos de seus inimigos, isto é, os restos da monarquia absoluta, os proprietários territoriais, os burgueses não industriais, os pequenos burgueses. Todo o movimento histórico está, desse modo, concentrado nas mãos da burguesia e qualquer vitória alcançada nessas condições é uma vitória burguesa.

Ora, a indústria, desenvolvendo-se, não somente aumenta o número dos proletários, mas concentra-os em massas cada vez mais consideráveis; a sua força cresce e eles adquirem maior consciência dela. Os interesses e as condições de existência dos proletários igualam-se cada vez mais, à medida que a máquina extingue toda diferença do trabalho e quase por toda a parte reduz o salário a um nível igualmente baixo. Em virtude da concorrência crescente dos burgueses entre si e devido às crises comerciais que disso resultam, os salários tornam-se cada vez mais instáveis; o aperfeiçoamento constante e cada vez mais rápido das máquinas torna a condição de vida do operário cada vez mais precária; os choques individuais entre o operário e o burguês tomam cada vez mais o carácter de choques entre duas classes. Os operários começam a formar uniões contra os burgueses e actuam em comum na defesa de seus salários; chegam a fundar associações permanentes a fim de se prepararem, na previsão daqueles choques eventuais. Aqui e ali a luta transforma-se em rebelião.

Os operários triunfam às vezes; mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores. Esta união é facilitada pelo crescimento dos meios de comunicação criados pela grande indústria e que permitem o contacto entre operários de localidades diferentes. Ora, basta esse contacto para concentrar as numerosas lutas locais, que tenham o mesmo carácter em toda a parte, numa luta nacional, numa luta de classes. Mas toda a luta de

classes é uma luta política. E a união que os burgueses da Idade Média levavam séculos a realizar, com os seus caminhos vicinais, os proletários modernos realizam-na em poucos anos por meio das vias férreas.

A organização do proletariado em classe e, portanto, em partido político, é incessantemente destruída pela concorrência que fazem entre si os próprios operários. Mas renasce sempre e cada vez mais forte, mais firme, mais poderosa. Aproveita-se das divisões intestinas da burguesia para obrigá-la ao reconhecimento legal de certos interesses da classe operária, como, por exemplo, a lei da jornada de dez horas de trabalho na Inglaterra.

Em geral, os choques que ocorrem na velha sociedade favorecem de diversos modos o desenvolvimento do proletariado. A burguesia vive em guerra perpétua; primeiro, contra a aristocracia; depois, contra as fracções da própria burguesia cujos interesses se encontram em conflito com os progressos da indústria; e sempre contra a burguesia dos países estrangeiros. Em todas essas lutas, vê-se forçada a apelar para o proletariado, reclamar seu concurso e arrastá-lo assim para o movimento político, de modo que a burguesia fornece aos proletários os elementos de sua própria educação política, isto é, armas contra ela própria.

Além disso, como já vimos, fracções inteiras da classe dominante, em consequência do desenvolvimento da indústria som precipitadas no proletariado, ou ameaçadas,

pelo menos, nas suas condições de existência. Também elas trazem ao proletariado numerosos elementos de educação.

Finalmente, nos períodos em que a luta de classes se aproxima da hora decisiva, o processo de dissolução da classe dominante, de toda a velha sociedade, adquire um carácter tão violento e agudo que uma pequena fracção da classe dominante se desliga desta, ligando-se à classe revolucionária, a classe que traz em si o futuro. Do mesmo modo que outrora uma parte da nobreza se passou para a burguesia, nos nossos dias, uma parte da burguesia passa-se para o proletariado, especialmente a parte dos ideólogos burgueses que chegaram à compreensão teórica do movimento histórico no seu conjunto.

De todas as classes que ora enfrentam a burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes degeneram e perecem com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é o seu produto mais autêntico.

As classes médias - pequenos comerciantes, pequenas fabricantes, artesãos, camponeses - combatem a burguesia porque esta compromete a sua existência como classes médias. Não são, pois, revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, reaccionárias, pois pretendem fazer girar para trás a roda da história. Quando são revolucionárias, é em conseqüência de sua iminente passagem para o proletariado; não defendem então os seus interesses actuais,

mas os seus interesses futuros; abandonam o seu próprio ponto de vista para adoptar o do proletariado.

O lumpemproletariado, esse produto passivo da putrefacção das camadas mais baixas da velha sociedade, pode, às vezes, ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária; todavia, as suas condições de vida predispõem-no mais a vender-se à reacção para servir às suas manobras.

Nas condições de existência do proletariado já estão destruídas as da velha sociedade. O proletariado não tem propriedade; as suas relações com a mulher e os filhos nada tem de comum com as relações familiares burguesas. O trabalho industrial moderno, a sujeição do operário pelo capital, tanto na Inglaterra como na França, na América como na Alemanha, despoja o proletariado de todo carácter nacional. As leis, a moral, a religião, são para ele meros preconceitos burgueses, atrás dos quais se ocultam outros tantos interesses burgueses.

Todas as classes que no passado conquistaram o Poder, trataram de consolidar a situação adquirida submetendo a sociedade às suas condições de apropriação. Os proletários não podem apoderar-se das forças produtivas sociais senão abolindo o modo de apropriação que era próprio a estas e, por conseguinte, todo o modo de apropriação em vigor até hoje. Os proletários nada têm de seu a salvaguardar; a sua missão é destruir todas as garantias e seguranças da propriedade privada até aqui existentes.

Todos os movimentos históricos têm sido, até hoje, movimentos de minorias ou em proveito de minorias. O movimento proletário é o movimento espontáneo da imensa maioria em proveito da imensa maioria. O proletariado, a camada inferior da sociedade actual, não pode erguer-se, pôr-se de pé, sem fazer saltar todos os estratos superpostos que constituem a sociedade oficial.

A luta do proletariado contra a burguesia embora não seja na essência uma luta nacional, reveste-se contudo dessa forma nos primeiros tempos. É natural que o proletariado de cada país deva, antes de tudo, liquidar a sua própria burguesia.

Esboçando em linhas gerais as fases do desenvolvimento proletário, descrevemos a história da guerra civil, mais ou menos oculta, que lavra na sociedade actual, até a hora em que essa guerra explode numa revolução aberta e o proletariado estabelece o seu domínio pelo derrube violento da burguesia.

Todas as sociedades anteriores, como vimos, basearam-se no antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas. Mas para oprimir uma classe é preciso poder garantir-lhe condições tais que lhe permitam pelo menos uma existência de escravo. O servo, em plena servidão, conseguia tornar-se membro da comuna, da mesma forma que o pequeno burguês, sob o jugo do absolutismo feudal, se elevava à categoria de burguês. O operário moderno,

pelo contrário, longe de se elevar com o progresso da indústria, desce cada vez mais baixo dentro de sua própria classe. O trabalhador cai na miséria e esta cresce ainda mais rapidamente do que a população e a riqueza. É, pois, evidente que a burguesia seja incapaz de continuar desempenhando o papel de classe dominante e de impor à sociedade, como lei suprema, as condições de existência de sua classe. Não pode exercer o seu domínio porque não pode já assegurar a existência de seu escravo, mesmo no quadro de sua escravatura, porque é obrigada a deixá-lo cair numa tal situação, que deve nutri-lo em lugar de fazer-se nutrir por ele. A sociedade não pode já existir sob o sue domínio, o que quer dizer que a existência da burguesia é, doravante, incompatível com a da sociedade.

A condição essencial da existência e da supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos dos particulares, a formação e o crescimento do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado. Este baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários entre si. O progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e inconsciente, substitui o isolamento dos operários, resultante de sua competição, por sua união revolucionária mediante a associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria só cava o terreno em que a burguesia assentou o seu regime de produção e de apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, os seus próprios coveiros. A sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.

Notas

1. ↑ Por *burguesia* deve-se entender a classe de capitalistas modernos, proprietários do meios sociais de produção e empregadores do trabalho assalariado. Por *proletariado*, a classe de operários assalariados modernos que, não tendo seus próprios meios de produção, são reduzidos a vender sua força de trabalho para poderem viver.

   [Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

2. ↑ Isto é, toda a história escrita. Em 1847, a pré-história da sociedade e a organização social existente anterior à história escrita era quase toda desconhecida. Desde então, August von Haxthausen (1792-1866) descobriu a propriedade comum da terra na Rússia, Georg Ludwig von Maurer provou qual era o fundamento social que historicamente se oriundam todos os ramos teutônicos e, mais a fundo, descobriu-se que comunas rurais, com propriedade coletiva da terra, foram, ou ainda são a forma primitiva da sociedade em todo lugar, da Índia à Irlanda. A organização interna dessa primitiva sociedade comunista foi enterrada, em sua forma típica, por Lewis Henry Morgan's (1818-1861) coroando a descoberta da verdadeira natureza dos gens e sua relação com a tribo. Com a dissolução das comunidades primevas, a sociedade começa a se diferenciar em classes segregadas e finalmente antagônicas. Eu tentei rastrear essa dissolução em "*A Origem da Família, da Propriedade Privada e do*

Estado" [*Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats*], segunda edição, Stuttgart, 1886.

[Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

3. ↑ Mestre de corporação ou mestre de ofício, isto é, o membro direto de uma guilda ou corporação de ofício, um mestre no ofício, contudo não o líder da guilda.

   [Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

   Este é o nome dado às comunidades urbanas pelos citadinos da Itália e da França, após terem adquirido ou conquistado seus direitos inciais de auto-governaça de seus senhores feudais.

   [Nota de Engels à edição alemã de 1890]

4. ↑ "*Comuna*" é o nome dado na França para as cidades nascentes antes que fossem conquistadas pelos seus senhores feudais e mestres, a auto-governança local e os direitos políticos, como "Terceiro Estado". De maneira geral, para o desenvolvimento económico da burguesia, a Inglaterra aqui é tomada como país típico, e para o seu desenvolvimento político, a França.

   [Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

Proletários e Comunistas

Que relação guardam os comunistas com nós proletários em geral? Os comunistas não formam um partido aparte dos demais partidos operários.

Não tem interesses próprios distintos dos interesses ou valores gerais do proletariado. Não professam princípios especiais com os que aspirem a modelar o movimento proletário.

Os comunistas se distinguem dos demais partidos proletários apenas em dois aspectos: destacam e reivindicam sempre, em todas e cada uma das ações nacionais proletárias, os intereses comuns e peculiares de todo o proletáriado, independentes de sua nacionalidade, e em qualquer que seja a etapa histórica em que se mova a luta entre o proletariado e a burguesia, mantem sempre o interesse do movimento enfocado em seu conjunto. Os comunistas são, pois, praticamente, a parte mais decidida dos partidos operários, o impulsionador de todos os partidos operários do mundo; teoricamente, tem a vantagem de compreender melhor as condições, o andamento e os resultados gerais a que devem alcançar o movimento proletário.

O objetivo imediato dos comunistas é idêntico ao que perseguem os demais partidos proletários em geral: formar

a consciência de classe do proletariado, derrotar o regime de produção da burguesia e levar ao proletariado a conquista do poder.

As proposições teóricas dos comunistas não são baseadas em idéias, em princípios forjados ou descobertos por nenhum redentor da humanidade. São todas expressões generalizadas das condições materiais de uma luta de classes real e viva, de um movimento histórico que se está desenvolvendo à vista de todos. A abolição do regime vigente com base na propriedade não é tão pouco nenhuma característica peculiar do comunismo. As condições que formam o regime da propriedade estão sujeitas sempre a mudanças históricos, as alterações históricas são constantes.

Assim, por exemplo, a Revolução Francesa aboliu a propriedade feudal para instaurar sobre suas ruínas a propriedade burguesa.

O que caracteriza o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição do regime de propriedade da burguesia, desta moderna instituição da propriedade privada burguesa, expressão última e mais acabada desse regime de produção e apropriação do produto que se baseia sobre o antagonismo de clases, sobre a exploração de uns homens por outros.

Assim entendida, os comunistas podem resumir sua teoria nessa fórmula: abolição da propriedade privada.

Nos reprovam por querermos abolir a propriedade pessoal bem adquirida, fruto do trabalho e do esforço humano, essa propriedade que é para ao homem a base de toda libertade, o fundamento de todas as atividades e a garantia de toda independência.

A propriedade bem adquirida, fruto do trabalho e do esforço humano! Refere-se acaso a propriedade do humilde artesão, do pequeno camponês, precedente histórico da propriedade burguesa? Não, essa não necessitamos destuir, o desenvolvimento da industria já o fez e está fazendo a todo instante.

O que queremos dizer com moderna propriedade privada burguesa? Dizemos: O trabalho assalariado, o trabalho do proletariado, lhe cria propriedade? Não, de nenhum modo. Ele faz render o capital, essa forma de propriedade que se nutre da exploração do trabalho assalariado, que só pode crescer e multiplicar-se sob a condição de gerar novo trabalho para fazê-lo também objeto de sua exploração. A propriedade, na forma que hoje apresenta-se, não admite solução ao antagonismo entre o capital e o trabalho assalariado. Detenhamo-nos um momento a contemplar os dois termos dessa antítese.

Ser capitalista é ocupar um posto, não simplesmente pessoal, mas social, em um processo de produção. O capital é um produto coletivo e só pode se desenvolver através da cooperação de muitos indivíduos, e ainda caberia dizer que,

em rigor, essa cooperação abarca a atividade comum de todos os indivíduos pertencentes a sociedade. O capital não é,pois, uum patrimonio pessoal, mas sim um potência social.

Dessa forma, portanto, aspiramos a transformar o capital em propriedade coletiva, comum a todos os membros da sociedade, não aspiramos transformar em coletiva uma riqueza pessoal. A única coisa que aspiramos é transformar o caráter coletivo da propriedade, retirando-lhe seu caráter de classe.

Falemos agora do trabalho assalariado. O preço médio do trabalho assalariado é o mínimo do salário, melhor dizendo, é a soma dos meios de subsistência necessários para sustentar o trabalhador como trabalhador. Tudo o que o trabalhador assalariado adquire com seu trabalho é, pois, o que estritamente necessita para seguir vivendo e trabalhando. Nós não desejamos de modo algum destruir o regime de propriedade pessoal dos produtos de um trabalho feito para criar os meios de sobrevivência: regime de apropriação que não deixa, como vemos, a menor margem de rendimentos líquidos e, com ele, a possibilidade de exercer domínio sobre os demais homens.O que desejamos é destruir o caráter opressivo desse regime de apropriação em que o trabalhador vive somente para multiplicar o capital, em que vive tão somente para atender aos interesses das classes dominantes e da forma como ela deseja que viva. Na sociedade burguesa, o trabalho vivo do homem

não é mais que um meio de incrementar o trabalho acumulado. Na sociedade comunista, o trabalho acumulado será, pelo contrário, um simples meio para dilatar, fomentar e enriquecer a vida do trabalhador.

Na sociedade burguesa, portanto, é o passado que impera sobre o presente; na comunista imperará o presente sobre o passado. Na sociedade burguesa o capital é independente e pessoal, o trabalhador é dependente e e impessoal. A abolição dessas condições, é compreendida pela burguesia como abolição da individualidade e da liberdade! E, entretanto, eles tem razão. Desejamos, com efeito, a abolição da individualidade, a independência e a liberdade burguesa.

Por liberdade se entende, dentro do regime burguês a produção, o livre comércio, a liberdade de comprar e vender.

Desaparecendo o tráfico, desaparecerá também, radicalmente o tráfico livre. A apologia do tráfico livre, como de modo geral todos os enganos sobre a liberdade entoada pela nossa burguesias, somente tem sentido e razão de ser enquanto significado do processo de emancipação das travas e da servidão da Idade Média, porém, padecem diante da abolição comunista do tráfico, das condições burguesas de produção e da própria burguesia.

Aterrorizai-vos de que queremos abolir a propriedade privada. Como se já no seio de vossa sociedade atual, a propriedade privada não estivesse abolida para nove décimas da população, como se não existisse precisamente a custas de não existir para essas nove décimos da popuação! Que é, pois, que com rigor nos reprovas? Querer destruir um regime de propriedade que tem por necessária condição o despojo da imensa maioria da sociedade. Nos reprovais, dizendo de uma só vez, querer abolir vossa propriedade. Pois sim, é isso o que queremos.

Para vocês, a partir do momento em que o trabalho não pode converter-se em capital, em dinehiro, em renda, em poder social monopolizado; a partir do momento em que a propriedade individual não pode já ser transformada em propriedade burguesa, o indivíduo não existe.

Com isso confessas que somente existe o indivíduo burguês, o capitalista. Pois bem, o indivíduo assim concebido é que aspiramos destruir.

O comunismo não priva ninguém do poder de apropriar-se da produção social; o que não admitimos é o poder de usurpar por meio desta apropriação o trabalho alheio.

Argumentam, ainda, que abolida a propriedade privada, acabará toda atividade humana e reinará a indolência universal.

Se isto fosse verdade, já há muito tempo a sociedade burguesa teria percido de indolência, uma vez que os que trabalham não possuem nada e os que possuem não trabalham. Vossa objeção reduz-se, no final das contas, a uma verdade que não precisa ser demonstrada, e é o de que ao desaparecer o capital, desaparecerá também o trabalho assalariado.

As objeções formuladas contra o regime comunista de apropriação e produção material, se faz extensiva a produção e a apropriação dos produtos espirituais. Desse modo, a destruição da propriedade de classes equivale, para o burguês, a destruição da produção e a destruição da cultura de classe que é para ele sinônimo de destruição da cultura em geral.

Essa cultura cuja perda tanto deplora, é a que converte em máquina a imensa maioria da sociedade.

Ao discutir conosco e criticar a abolição da propriedade burguesa partindo de vossas idéias burguesas de liberdade, cultura, direito, etc., não se dão conta de que essas mesmas idéias são, entre tantas, produtos do regime burguês de propriedade e produção, do mesmo modo que vosso direito não é mais que a vontade de vossa classe elevada a lei: uma vontade que tem seu conteúdo e encarnação nas condições materiais de vida de sua classe.

Compartilhas com todas as classes dominantes que já existiram e pereceram a idéia interessada de que vosso regime de produção e de propriedade, obras das condições históricas que desapareceram no transcurso da produção, descansa sobre leis naturais eternas e sobre os ditames da razão. O que compreendes por propriedade antiga, o que compreendes por propriedade feudal, já não pode ser usada para explicar a propriedade burguesa, vossa propriedade.

Abolição da família! Ao falar dessas intensões satanicas dos comunistas, até os mais radicais gritam indignados.

Entretanto vejamos: em que se funda a família atual, a família burguesa? No capital, no lucro privado. Somente a burguesia tem uma familia, no sentido efetivo da palavra, e esta família encontra seu complemento na carência forçada de relações familiares entre os proletários e na prostituição pública.

É natural que esse tipo de família burguesa desapareça ao desaparecer seu complemento e que uma e outra deixe de existir ao deixar de existir o capital, que lhe serve de base. Nos reprova acaso por querermos abolir a exploração das crianças por seus pais? Assim, está certo, isso é o que desejamos.

Dizeis que pretendemos destruir a intimidade da família ao suplantar a educação doméstica pela educação social.

Acaso vossa própria educação não é também influênciada pela sociedade, pelas condições sociais em que se desenvolve, pela intromissão mais ou menos direta nela da sociedade através da escola, etc.? Não é precisamente os comunistas os que inventaram essa intromissão da sociedade na educação, o que fazemos é modificar o caráter que hoje tem e arrancar a educação da influência da classe dominante.

Esses tópicos burgueses sobre a família e a educação, sobre a intimidade das relações entre pais e filhos, são tanto mais grotescos e descarados quanto mais a grande indústria vai desfazendo os laços familiares dos proletariados e convertendo os seus filhos em simples mercadorias e meros instrumentos de trabalho.

Mas, vocês, os comunistas - nos grita o coro inteiro da burguesia - pretendem coletivisar as mulheres!

O burguês, que não vê em sua mulher mais que um simples instrumento de produção, ao ouvir-nos proclamando a necessidade de que os instrumentos de produção sejam explorados coletivamente, não pode pensar que o regime coletivo se fará extensivo igualmente as mulheres. Não se dão conta de que tratamos precisamente em acabar com a situação da mulher como mero instrumento de produção.

Nada mais ridículo, por outro lado, que esses alardes de idgnação, recheados de uma carga moral por nossos

burgueses, ao falar de tão cacarejada coletivização das mulheres pelo comunismo. Não, os comunistas não tem necessidade de implantar o que sempre existiu ou quase sempre existiu na sociedade.

Nossos burgueses, não bastando, pelo visto, em ter a sua disposição as mulheres e os filhos de seus proletários - e não falando da prostituição oficial! - sentem uma grandíssima fruição em seduzir as mulheres uns dos outros.

Na realidade, o matrimônio burgês é uma comunidade de mulheres casadas. Em síntese, poderiam reprovar nos comunistas a pretensão de substituir esta hipocrisia e recatado regime coletivo de hoje por uma coletivização oficial, franca e aberta de mulheres. De resto, é fácil compreender que a abolição do regime atual de produção acabará com o sistema de comunidade de mulheres engendradas e que se refugia na prostituição oficial e não-oficial.

Aos comunistas é reprovada a intensão de querer abolir a pátria, a nacionalidade. Os trabalhadores não tem pátria. Mas não se pode tomar o que não tem. Não obstante, sendo o objetivo imediato do proletariado a conquista do poder político, sua exaltação a classe nacional, a nação, é evidente que também nele reside um sentido nacional, apesar desse sentido não conincidir com o da burguesia.

Já o próprio desenvolvimento da burguesia, o livre comercio, o mercado mundial, a uniformidade reinante na produção industrial, com as condições de vida que gera, se encarregam de apagar mais e mais as diferenças e antagonismos nacionais.

O triunfo do proletariado o fará desaparecer. A ação conjunta dos proletários, ao menos nas nações civilizadas, é uma das condições primordiais de sua emancipação. A medida em que a exploração de um indivíduo pelo outro vai desaparecendo, desaparecerão paulatinamente a exploração de umas nações sobre as outras. Com o antagonismo das classes no seio de cada nação, apagará a hostilidade das nações entre si.

Não queremos entrar numa análise das acusações que se fazem contra o comunismo do ponto de vista religioso-filosófico e ideológico em geral.

Não é necessário ser um lince para ver que, ao modificar as condições de vida, as relações sociais, a existência social do ser humano, modificam também suas idéias, suas opiniões e seus conceitos, em uma palavra, sua consciência.

A história das idéias é uma prova evidente de como são modificadas e transformadas a produção espiritual com a material. As idéias imperantes em uma época são sempre as idéias próprias da classe dominante.

Fala-se de idéias que revolucionam todo uma sociedade, com isso, não se faz mais que expressar o fato de que no seio da velha sociedade havia germinado os elementos para uma nova sociedade, e a aprtir dessas idéias novas se esboça os elementos que dissolverão as velhas condições de existência.

Quando o mundo antigo estava a ponto de desaparecer, as religiões antigas foram vencidas e suplantadas pelo cristianismo. No século XVII, quando as idéias cristãs sucumbiam diante do racionalismo, a sociedade feudal lutava desesperadamente, usando as últimas forças, com a burguesia, então revolucionária. As idéias de liberdade de pensamento e de liberdade religiosa não fizeram mais que proclamar o triunfo da livre concorrência no mundo ideológico.

Nos dirão que as idéias religiosas, morais, filosóficas, políticas, jurídicas, etc. sofreram modificações ao longo da história, mas carregaram consigo uma base perene e que por debaixo dessas mudanças havia sempre uma religião, uma moral, uma filosofia, uma política, um direito.

Além disso, seguem argumentando que existem verdades eternas como a liberdade, a justiça, etc. comum a todas as sociedades e a todas as etapas do progresso social. Pois bem, o comunismo - continua o argumento - vem destruir estas verdades eternas, a moral, a religião e não para

substituir por outras novas, vem interromper violentamente todo o desenvolvimento histórico anterior.

Vejamos ao que se reduz essa acusação. Até hoje, toda a história da sociedade tem sido uma constante sucessão de antagonismos de classes, que tomam formas diversas, segundo as épocas.

Mas, qualquer que seja a forma que em cada caso adote, a exploração de uma parte da sociedade por outra é um fato comum a todas as épocas do passado. Nada tem, pois, de estranho que a consciência social de todas as épocas se atenha, a despeito de toda a variedade e de todas as divergências, a certas formas comuns, formas de consciência que não desaparecem radicalmente até que os antagonismos de classes que os formam sejam extintos completamente.

A revolução comunista ao romper de forma mais radical com o regime tradicional da propriedade, nada tem, pois, de estranho que se veja obrigada a romper, em seu desenvolvimento, de forma também radical, com as idéias também tradicionais.

Contudo, não queremos nos deter mais sobre as reprovações da burguesia ao comunismo.

Já dissemos que o primeiro passo para a revolução proletariada será a ascensão do proletário ao poder, a

conquista da democracia.

O proletariado usará seu poder para ir despojando paulatinamente a burguesia de todo o capital, de todos os meios de produção, centralizando nas mãos do Estado, ou seja, do proletário organizado como classe governante e procurando fomentar por toos os meios e com a maior rapidez possível as energias produtivas.

Claro está que, a princípio, isto só poderá chegar a cabo mediante uma ação despótica sobre a propriedade e o regime burguês de produção, por meio de medidas que, de momento pareçam economicamente insuficientes e insustentáveis, mas que no transcurso do movimento serão um grande salto e as leis são impressindíveis como meio para transformar todo o regime de produção vigente.

Estas medidas não poderão ser as mesmas, naturalmente, em todos os países. Para os países mais avançados mencionamos algumas, suscetíveis, sem dúvida, de serem aplicadas com caráter mais ou menos geral, segundo cada caso.

1. Exprorpiação da propriedade fundiária e aplicação da renda da terra nos gastos públicos.
2. Impostos fortemente progressivos.
3. Abolição do direito de herança.
4. Confisco da fortuna dos emigrantes e dos rebeldes.

5. Centralização do crédito no Estado por meio de um Banco Nacional com capital do Estado e regime de monopólio.
6. Nacionalização dos transporte.
7. Multiplicação das fábricas nacionais e dos meios de produção, cultivo e melhoramento nas terras com regras e um plano coletivo.
8. Proclamação do dever geral de trabalhar, criação de exércitos industriais, principalmente no campo.
9. Articulação entre os serviços agrícolas e industriais, tendendo a ir apagando as diferenças entre o campo e a cidade.
10. Educação pública e gratuita de todas crianças. Proibição do trabalho infantil nas fábricas segundo a forma atual. Regime combinado da educação com a produção material, etc.

Quando, com o transcurso do tempo, desaparecer as diferenças de classe e toda a produção estiver concentrada nas mãos da sociedade, o Estado perderá todo o caráter político. O Poder político não será, em rigor, mais um poder organizado por uma classe para oprimir a outra. O proletariado será forçado a organizar-se como classe para lutar contra a burguesia, a revolução o levará ao poder e o converterá em classe dominante, como classe dominante derrubará à força o regime vigente de produção, assim fará desaparecer as condições que determinam o antagonismo de classe, as classes e, portanto, sua própria soberania como classe.

E a velha sociedade burguesa, com suas classes e seus antagonismos de classe será substituida por uma associação na qual haverá o livre desenvolvimento de cada uma das condições para o livre desenvolvimento de todos.

Literatura Socialista e Comunista

Socialismo Reacionário

Socialismo Feudal

Devido à sua posição histórica, as aristocracias da França e Inglaterra estavam destinadas a escrever panfletos contra a sociedade moderna burguesa. Na Revolução Francesa de Julho de 1930, e no Movimento Reformador Inglês, tais aristocracias sucumbiram uma vez mais, à detestável arrivista. Com isso uma luta política séria já se encontrava fora de questão. Restava-lhes somente uma luta literária. Mas mesmo no campo literário, os velhos gritos do período da Restauração[1] se tornaram impossíveis.

Com o objetivo de angariar simpatia, a aristocracia foi obrigada a perder de vista, aparentemente, seus próprios interesses, e formular sua acusação contra a burguesia apenas no interesse da classe explorada. Portanto, a aristocracia tornou sua vingança por canções satíricas, de seu novo amo e sussurrar-lhes ao ouvido sinistras profecias e catástrofes eminentes.

Nesse meio ergueu-se o socialismo feudal: metade lamento, metade zombaria; metade eco do passado, metade ameaça do futuro; por vezes, devido à sua crítica amarga, mordaz e incisiva, acertando a burguesia no centro de seu coração,

mas sempre com efeito ridículo, por sua total incapacidade de compreender a marcha da História moderna.

A aristocracia, visando conclamar o povo à sua volta, empunharam, à guisa de bandeira a trouxa de mendigo do proletário. Mas estes quando se dispunham a segui-los, viam em suas costas o velho brasão feudal, e deserdavam com gargalhadas audíveis e insolentes.

Uma parte dos Legitimistas Franceses e a “Jovem Inglaterra” se fizeram notar nesse espetáculo.

Ao demonstrar que seu modo de exploração era diferente do modo de exploração dos burgueses, os feudalistas se esquecem que eles exploraram sob circunstâncias e condições que eram bem diferentes e já antiquadas. Ao mostrar que, sob o seu mando, o proletariado moderno nunca existiu, eles se esquecem que a burguesia moderna é justamente um germe necessário de sua própria ordem social.

Aliás, tão pouco ocultam o caráter reacionário de sua crítica, que sua acusação contra a burguesia se resume ao fato que: sob o regime burguês, uma classe está se desenvolvendo e que está destinada a esquartejar, da raiz aos galhos, a antiga ordem social.

O que menosprezam na burguesia não é somente esta ter engendrado um proletariado, como ter criado um

proletariado revolucionário.

Na prática política, eis o por que, participaram de todas as medidas repressivas contra a classe operária; e na vida cotidiana, apesar de suas frases pomposas, se rebaixaram para apanhar os pomos de ouro da árvore da indústria, e barganhar fidelidade, amor e honra, pelo comércio da lã, beterraba e aguardente de batata.[2]

Da mesma forma que padres sempre caminharam de mãos dadas com os senhores feudais, também o fez o socialismo clerical com o socialismo feudal.

Nada é mais fácil do que dar ao ascetismo Cristão, um verniz socialista. Não se opôs o Cristianismo contra a propriedade privada, contra o casamento, contra o Estado? Em seu lugar não pregou a caridade e mendicidade, o celibato, a mortificação da carne, a vida monástica e a Igreja? O socialismo cristão nada mais é do que a água benta com que o padre consagra os corações rancorosos da aristocracia

Socialismo Pequeno-burguês

A aristocracia feudal não foi a única classe que foi arruinada pela burguesia, não é a única classe cujas condições de existência definharam e pereceram sob a atmosfera da sociedade burguesa moderna. Os cidadãos extramuros e o pequeno campesinato foram os precursores

da burguesia moderna. Naqueles países em que a indústria e o comércio são menos desenvolvidos, essas duas classes ainda vegetam lado a lado com a burguesia ascendente.

Em países onde a civilização moderna se desenvolveu, uma nova classe de pequenos burgueses foi formada, hesitando entre o proletariado e a burguesia, e incessantemente se reconstituindo como parte suplementar da sociedade burguesa. Mas os membros individuais dessa classe, entretanto, são constantemente relegados ao proletariado devido à concorrência, e, à medida que a Indústria Moderna se desenvolve, estes vêem o momento em que desaparecerão por completo como parte autônoma da sociedade moderna, se aproximando, para então serem substituídos nas manufaturas, na agricultura e no comércio por contramestres e subalternos.

Em países como a França, em que os camponeses constituem a maior parte da população, é natural que escritores que apoiaram o proletariado contra a burguesia, deveriam valer-se em suas críticas ao regime burguês, dos motes do campesinato e da pequena-burguesia, e do ponto de vista dessas classes intermediárias, deveria erguer clavas pela classe operária. Assim erigiu-se o socialismo pequeno-burguês. Sismondi é o mais importante dessa literatura, não somente na França, como na Inglaterra.

Essa literatura socialista dissecou com grande acuidade as contradições da produção moderna. Desmascarou as

apologias hipócritas dos economistas. Provou, indubitavelmente, os efeitos desastrosos do maquinário e das relações de trabalho; a concentração de capital e fundiária em poucas mãos; superprodução e crises; apontou para a inevitável ruína dos pequeno burgueses e camponeses, a miséria do proletariado, a anarquia na produção, a desproporção gritante na distribuição da riqueza, a guerra industrial de exterminação entre nações, a dissolução dos velhos laços morais, das relações familiares antigas, das antigas nacionalidades.

Nos seus objetivos positivos, entretanto, essa forma de socialismo aspira tanto a restauração dos velhos meios de produção e comércio, e com eles, as antigas relações de propriedade, e a antiga sociedade, seja limitando os meios de produção e comércio modernos no âmbito das antigas relações de propriedades que têm sido, e que foram obrigados a, romper por esses meios. Em ambos os casos, esse socialismo é simultaneamente reacionário e utópico.

Suas últimas palavras são: Sistema corporativo nas manufaturas; Relações patriarcais na agricultura.

Ultimamente, quando persistentes fatos históricos dispersaram todos os efeitos intoxicantes de auto-ilusão, essa forma socialismo findou-se numa deprimente ressaca.

Socialismo alemão ou “verdadeiro”

A literatura socialista e comunista da França, uma literatura que originou-se sob a opressão da burguesia no poder, e que eram as expressões da luta contra esse poder, foi introduzida na Alemanha em uma época em que a burguesia, naquele país, havia apenas começado sua disputa com o absolutismo feudal.

Filósofos alemães, semifilósofos e belos espíritos (homens de cartas) alemães, rapidamente se apropriaram dessa literatura, esquecendo-se somente que quando esses escritos imigraram da França para a Alemanha, as condições sociais francesas não imigraram juntamente com eles. Em contato com as condições sociais alemãs, essa literatura francesa perdeu de imediato, toda sua utilidade prática, e assumia um caráter puramente literário. Assim, para os filósofos alemães do século XVIII, as reivindicações da primeira revolução francesa não passavam de demanda da "Razão Prática" em geral, e a manifestação do desejo da burguesia revolucionária significava, a seus olhos, as leis da vontade pura, tal como está predestinado a ser, da vontade verdadeiramente humana de modo geral.

O trabalho dos literatos alemães consistia somente em trazer as idéias da nova França incluídas às suas velhas consciências filosóficas, ou antes, anexando as idéias francesas sob seu próprio ponto de vista filosófico.

Essa anexação ocorreu da mesma maneira em que, em geral, se apropria de uma língua estrangeira, especialmente,

pela tradução.

Bem se sabe como os padres recobriram os manuscritos em que as obras da antiguidade clássica pagã foram escritos com tolas biografias de santos. Os literatos alemães reverteram esse processo com a profana literatura francesa. Eles escreveram suas besteiras filosóficas abaixo da original francesa. Por exemplo, sob a crítica francesa às relações monetárias, escreveram "alienação da humanidade" e, sob a crítica francesa ao Estado burguês, escreveram "destronamento da dominação do Universal abstrato), e assim por diante.

A introdução dessa fraseologia filosófica às costas das críticas históricas francesas, eles batizaram "Filosofia da Ação", "Socialismo Verdadeiro", "Ciência Alemã do Socialismo", "Fundação Filosófica do Socialismo", e outros mais.

A literatura socialista e comunista francesas foi assim, completamente amputada. E, desde que cessou nas mãos do Alemão, para expressar o confronto de uma classe com a outra, ele teve consciência de ter superado a "estreiteza francesa" e de representar, ao invés das verdadeiras necessidades, as necessidades da verdade; não os interesses do proletariado, mas os interesses da natureza humana, do homem em geral, que não pertence a classes, não pertence à realidade, que existe somente no recôndito místico da fantasia filosófica.

Tal socialismo alemão, que levava tão a sério e tão solenemente as obrigações escolares, e exaltava-os em seu pobre estoque-em-comércio em tal moda charlatã, gradualmente perdeu sua inocência pedante.

A luta dos Alemães, e especialmente da burguesia prussiana, contra a aristocracia feudal e a monarquia absolutista, em outras palavras, o movimento liberal, tornou-se mais séria.

Por isso, a tão desejada oportunidade foi oferecida ao socialismo "verdadeiro": a chance de confronto ao movimento político, segundo as reivindicações socialistas, de lançar os anátemas tradicionais contra o liberalismo, contra o governo representativo, contra a concorrência burguesa, a liberdade de imprensa burguesa, o direito burguês, a liberdade e igualdade burguesas, e de pregar para as massas que nada tem a ganhar, e tudo a perder, nesse movimento burguês. O socialismo alemão esqueceu-se, muito a propósito, que a crítica francesa, do qual era eco leviano, pressupunha a existência da sociedade burguesa moderna, com as condições econômicas de existência correspondentes, e adequada constituição política, os mesmos fatores que compunham ainda a conquista na Alemanha.

Para os governos absolutistas, com seus padres, professores, fidalgotes e burocratas, serviu como um espantalho útil contra as ameaças burguesas.

Era o doce fim, após as doses amargas de chicotadas e balas de fuzil, com que esses mesmos governos, naquela mesma época, barravam as insurreições da classe trabalhadora alemã.

Enquanto esse socialismo “verdadeiro” portanto, servia ao governo como arma na luta contra a burguesia alemã, era ao mesmo tempo, direto representante dos interesses reacionários, o interesse dos filisteus alemães. Na Alemanha, a pequena-burguesia, um resíduo do século dezesseis, e que desde então, constantemente emerge sob diversas formas, é a verdadeira base social da ordem existente.

Manter tal classe é manter a ordem vigente na Alemanha. A supremacia industrial e política da burguesia ameaça a pequena burguesia com certa destruição – de um lado, pela concentração do capital; e por outro, pela ascensão de um proletariado revolucionário. O socialismo “verdadeiro” surgiu para matar esses dois coelhos com uma cajadada só. Espalhou-se como uma epidemia.

A roupagem de teias de aranha especulativas, bordadas com as flores da retórica, impregnadas de orvalho sentimental, essa veste transcendental com a qual os socialistas alemães vestiram suas “verdades eternas”, somente pele e osso, serviram maravilhosamente de pretexto para aumentar a venda de suas mercadorias para esse público. E em parte, o socialismo alemão reconheceu, mais e mais, seu próprio

chamado como representante bombástico dos filisteus pequeno-burgueses.

Ele proclamou a nação alemã como modelo, e o pequeno filisteu alemão como o homem modelo. Para todas as infâmias desse homem-modelo, uma interpretação oculta, superior, socialista, exatamente o contrário da realidade. Foi até o longo extremo, ao opor-se diretamente à tendência "brutalmente destrutiva" do comunismo, e ao proclamar sua supremacia e imparcialidade acima de todas as lutas de classes. Com raríssimas exceções, todas as então chamadas publicações socialistas e comunistas que agora (1847) circulam na Alemanha, pertencem ao âmbito dessa literatura tola e enervante.[3]

Socialismo conservador ou burguês

Uma parte da burguesia é desejosa de remediar as anomalias sociais, a fim de assegurar a manutenção da sociedade burguesa.

À essa seção pertencem os economistas, filantropos, humanitários, melhoradores da situação da classe trabalhadora, organizadores de obras beneficentes, membros da sociedade protetora dos animais, fanáticos da sobriedade, reformistas de todos os cantos de todos os tipos imagináveis. Esta forma de socialismo tem, além disso, funcionado para completar os sistemas.

Podemos citar ‘’Filosofia da miséria’’ de Proudhon como exemplo dessa forma de socialismo.

A burguesia socialista almejam todas as vantagens das condições de vida da sociedade moderna, sem as lutas e perigos necessariamente decorrentes. Desejam a atual forma da sociedade, exceto seus elementos de dissolução e revolução. Almejam a burguesia sem um proletariado. A burguesia naturalmente concebe o mundo em que é supremo a ser o melhor; e o socialismo burguês desenvolveu essa concepção confortável em sistemas mais ou menos completos. Em se tratando de exigir do proletariado que carregue tal sistema, e por meio disso, a marchar diretamente para a Nova Jerusalém social, no mais exige de fato que o proletariado remanesça com os atuais laços da sociedade existente, mas renunciando todas as suas idéias odiosas quanto à burguesia.

Uma segunda, e mais prática, mas menos sistemática forma deste socialismo buscou depreciar todo movimento revolucionário aos olhos da classe trabalhadora, mostrando que nenhuma reforma política, mas somente uma mudança nas condições materiais de existência, nas relações econômicas, poderia servir de vantagem para eles. Por mudanças nas condições materiais de existência, essa forma de socialismo, entretanto, não entende a supressão das relações burguesas de produção, uma supressão que só pode ser efetuada por uma revolução, mas reformas administrativas, baseadas na continuidade dessas relações;

reformas, portanto, que de nenhuma maneira alteram efetivamente as relações entre capital e trabalho, mas, no melhor, reduzem os custos, e simplificam a burocracia do Estado burguês.

O socialismo burguês só alcança sua expressão adequada, somente quando, se torna uma mera figura retórica.

Comércio livre: para o benefício da classe trabalhadora. Tarifas protecionistas: para o benefício da classe trabalhadora. Reforma carcerária: para o benefício da classe trabalhadora. Eis as últimas palavras e as únicas ditas a sério pelo socialismo burguês.

E é resumida na frase: a burguesia é uma burguesia – para o benefício da classe operária.

Socialismo e Comunismo Crítico-utópicos

Não nos referimos aqui à literatura que, em todo momento revolucionário, deram voz às demandas proletárias, tal como os escritos de Babeuf e outros.

As primeiras tentativas diretas do proletariado para alcançar seus próprios fins, realizadas em momentos de efervescência geral, quando a sociedade feudal se encontrava em processo de colapso, fracassaram necessariamente, devido à forma embrionária do proletariado, bem como ausência de condições econômicas

para sua emancipação, condições que ainda estavam para ser produzidas, condições que surgem somente como produto da época burguesa. A literatura revolucionária que acompanhou esses movimentos inciciais do proletariado tinham necessariamente, um caráter reacionário. Incultou um ascetismo geral e nivelamento social grosseiros.

Os sistemas socialistas e comunistas propriamente ditos, tais como os de Saint-Simon, Fourier, Owen, e outros, surgem no período incial, descrito acima, de luta entre burguesia e proletariado (ver Capítulo I – Burgueses e Proletários).

Os fundadores desses sistemas discerniam, de fato, a oposição de classes, bem como os elementos de dissolução na forma de sociedade dominante. Mas o proletariado, ainda em sua infância, oferece a eles o espetáculo da classe sem iniciativa histórica ou qualquer movimento político independente.

Desde o desenvolvimento da oposição de classes acompanha ao mesmo passo o desenvolvimento da indústria, encontram a situação econômica insatisfatórias para a emancipação do proletariado. Procuram, assim, uma nova ciência social, de novas leis sociais, que devem criar tais condições.

A ação histórica deve recuar e dar lugar à sua ação inventiva pessoal; as condições históricas da emancipação

às condições fantasiosas; e a organização gradual, espontânea do proletariado em classe a uma organização social planejada por eles mesmos. A história futura resume-se por si só, aos olhos deles, na propaganda e na implementação de seus planos sociais.

Na formação de seus planos, são conscientes de assumir seus interesses a favor da classe trabalhadora, enquanto classe mais sofredora. Para eles, o proletariado somente existe do ponto de vista de classe sofredora.

Mas o estado embrionário da luta de classe, bem como sua própria condição social, levam tais socialistas a considerarem-se muito superiories a todo antagonismo de classes. Eles querem a melhora da condição de cada membro da sociedade, mesmo aqueles dos mais favorecidos. Por conseguinte, normalmente apelam para o conjunto da sociedade, sem distinção de classes; não, por preferência, à classe dominante. Para que podem as pessoas uma vez, entender o sistema deles, falhar em ver nele o melhor plano possível do melhor tipo de sociedade possível.

Eis então, que rejeitam toda ação política, e especialmente toda ação revolucionária; desejam alcançar seus fins por meios pacíficos, necessariamente fadados ao fracasso, e pela força do exemplo, abrir caminho para um novo evangelho social.

Tais imagens fantasiosas da sociedade futura, pintadas em tempos de condição de pouco desenvolvimento do proletariado, é ainda uma concepção fantástica de sua própria situação, correspondendo às primeiras exigências dessa classe por uma reconstrução geral da sociedade.

Mas essas publicações comunistas e socialista também contém um elemento crítico. Atacam todo o princípio da sociedade existente. Portanto, estão repletos de materiais valiosos para o esclarecimento da classe operária. As medidas práticas propostas – tal como a abolição da distinção entre cidade e campo, da família, da continuidade das indústrias nas mãos de indivíduos privados, o trabalho assalariado, a proclamação da harmonia social, a conversão do Estado em um superintendente de produção – todas essas proposições visam unicamente a desintegração dos antagonismos de classes, que estavam, àquele tempo, se desenvolvendo, e que, em tais publicações, somente são reconhecidas em suas primeiras formas indeterminadas e imprecisas. Tais propostas portanto, compõem um caráter puramente utópico.

A importância dos socialistas e comunistas crítico-utópicos beira uma relação inversa ao desenvolvimento histórico. À medida que a luta de classe moderna se desenvolve e se define, a fantasia de estar separado da luta, estes ataques mirabolantes à ela, perde todo seu valor prático e suas justificativas teóricas. Assim sendo, mesmo os originários desse sistema sendo revolucionários em muitos aspectos,

seus discípulos, formaram de qualquer forma, meras seitas reacionárias. Buscam manter as concepções originais de seus mestres, em oposição ao desenvolvimento progressivo do proletariado pela história. Eles portanto, procuram consistentemente enfraquecer a luta de classes e reconciliar os antagonismos. Continuam a sonhar com realização experimental de suas utopias sociais, na fundação isolada de falanstérios, ao estabelecer "*Home Colonies*", ou de uma "pequena Icária"[4] – edições reduzidas da Nova Jerusalém – e para edificar tais castelos no ar, são compelidos aos sentimentos e bolsos dos burgueses. Pouco a pouco, encalham na categoria de socialistas reacionários descritos acima, diferindo destes somente pelo pedantismo mais sistemático, e pelas crenças fanáticas e efeitos miraculosos de sua ciência social.

Portanto, opõem-se violentamente à toda ação política por parte do proletariado; tal ação, de acordo com eles, pode somente resultar de uma fé descrente e cega no novo evangelho.

Os owenistas na Inglaterra, e os foueristas na França, respectivamente, se opõem aos cartistas e reformistas.

Notas

1. ↑ Não a Restauração Inglesa (1660-1689), mas a Restauração Francesa (1814-1830).

[Nota de Engels à edição alemã de 1888]

2. ↑ Isto se aplica principalmente à Alemanha, onde a aristocracia feudal e a fidalguia têm grandes porçoes de suas propriedades cultivadas por contra própria, mediante diretores, e são, além disso, grandes produtores de açúcar de beterraba e destiladores de aguardente de batata. A aristocracia britânica mais rica são, por quanto, acima disso; eles também, contudo, sabem aproveitar o declínio da renda, ao emprestar seus nomes a acionistas mais ou menos suspeitos das companhias acionárias.

[Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

3. ↑ A tempestade revolucionária de 1848 varreu toda essa desgastada tendência e curou seus protagonistas do desejo de interessar-se pelo socialismo. O representante principal e tipo clássico dessa tendência é o Karl Gruen.

[Nota de Engels à edição alemã de 1888]

4. ↑ Falanstérios eram colônias socialistas no plano de Charles Fourier; "Icária" é o nome dado por Cabet à sua Utopia e, mais tarde, à sua colônia comunista nos Estados Unidos.

[Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

"*Home Colonies*" é como Owen chamou seus modelos de sociedade comunista. Falanstério é o nome dado aos palácios públicos planejados por Fourier. Icária é o nome dado para a terra de Utopia e imaginação, cujas instituições comunistas Cabet retratou.

[Nota de Engels, edição alemã de 1890]

Posição dos Comunistas em Relação aos Diversos Partidos de Oposição

A Seção II deixou claro as relações dos Comunistas com os partidos proletários existentes, tal como os Cartistas na Inglaterra e os Reformadores Agrários na América do Norte.

Os comunistas lutam pelo cumprimento de objetivos imediatos, para o fortalecimento dos interesses presentes da classe operária; mas no movimento do presente, eles também representam e cuidam do futuro do desse movimento. Na França, os comunistas se aliaram com os Sociais-Democratas[1] contra a burguesia radical e conservadora, reservando, contudo, o direito de assumir uma posição crítica em relação às fases e ilusões tradicionalmente revolucionárias.

Na Suíça, eles suportam os Radicais, sem perder de vista o fato de que este partido consiste em elementos antagônicos, em parte sociais-democratas, no sentido francês, em parte burguesia radical.

Na Polônia, apoiam o partido que insiste numa revolução agrária como condição primária para a emancipação nacional, tal partido fomentou a insurreição da Cracóvia em 1846.

Na Alemanha, lutam juntamente com a burguesia sempre que age de alguma forma revolucionária contra a monarquia absoluta, a propriedade fundiária feudal, e a pequena burguesia.

Mas nunca cessam, por um único instante, na tentativa de instigar a classe trabalhadora para a consciência mais clara possível do hostil antagonismo entre burguesia e proletariado, com o objetivo de que os trabalhadores alemães imediatamente usem, como tantas armas contra a burguesia, as condições políticas e sociais que a burguesia deve necessariamente introduzir durante sua supremacia, para que depois do fim das classes reacionárias da Alemanha, a luta contra a própria burguesia se inicie imediatamente.

Os Comunistas dirigem sua atenção principalmente para a Alemanha, porque este país está em vésperas de uma revolução burguesa que está destinada a executada sob condições mais avançadas da civilização europeia e com muito maior desenvolvimento de seu proletariado do que a Inglaterra no século XVII, e na França no século XVIII, e porque a revolução burguesa na Alemanha será nada mais do que o prelúdio para uma imediata revolução proletária.

Em suma, os comunistas, em todo lugar, apoiam todo movimento revolucionário contra a ordem social e política estabelecidas.

Em todos esses movimentos, trazem à tona, como questão principal de cada movimento, a questão da propriedade, não importando qual é o seu grau de desenvolvimento.

Finalmente, trabalham em toda parte para a união e acordo entre os partidos democráticos de todos os países.

Os Comunistas recusam-se a ocultar suas concepções e objetivos. Declaram abertamente que seus fins podem ser alcançados somente com a derrubada pela força de todas as condições sociais existentes. Que as classes dominantes tremam ante a revolução comunista. Os proletários nada têm a perder além de seus grilhões. Têm um mundo a ganhar.

PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO UNI-VOS!

Notas

1. ↑ Partido então representado no Parlamento por Ledru-Rollin, na literatura por Louis Blanc, na imprensa diária pelo "Reforma". O nome da social-democracia significa, segundo seus inventores, uma seção dos partidos Democrata ou Repucliano mais ou menos

tingidos com socialismo

[Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do Wikisource,[1] biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em copyleft de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da Creative Commons BY-SA 3.0 [2] ou da GNU FDL,[3] à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no nosso fórum.[4]

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- Rautopia
- Delemon
- 555

- Saturnow
- Albertoleoncio
- Beria
- Milda
- Giro720
- MisterSanderson
- PedR
- Edna Benedicto
- The Obento Musubi
- Jorge Morais
- ~2026-56083-45
- Mschlindwein
- CommonsDelinker
- Ajrsferreira

---

1. ↑ http://pt.wikisource.org
2. ↑ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR
3. ↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html
4. ↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada